

Doria e Moro mudam xadrez da terceira via

Partidos Tucano afirmou desistência de candidatura, recuou e depois admitiu que usou de 'estratégia'

Doria renuncia para disputar a Presidência

Cristiane Agostine e Ricardo Mendonça De São Paulo

Após muita expectativa, especulações e informações desencontradas, João Doria renunciou ontem ao cargo de governador de São Paulo e anunciou que será, sim, candidato à Presidência. "Sim, serei candidato a presidente da República pelo PSDB, pelo PSDB", afirmou ele na conclusão de um discurso de 37 minutos para prefeitos no auditório principal do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista. A confirmação ocorreu 24 horas após o próprio Doria ter dito a aliados que desistira da disputa presidencial e que ficaria no governo paulista até dezembro, informação que tumultuou o meio político, gerou acusação de traição e foi interpretada por alguns como uma chantagem.

No fim do dia, após confirmar a renúncia e a manutenção do plano de candidatura presidencial, Doria admitiu a um grupo de jornalistas que conduziu uma operação para angariar apoio interno. Definido seu vai-e-volta com um "comportamento estratégico".

"Você não pode agir apenas emocionalmente, a política exige raciocínio. Apreendi no setor privado a raciocinar, a planejar e a executar", disse Doria ressaltando que não agiu instintivamente. "Isso foi para fortalecer a nossa candidatura e o PSDB", explicou.

O tucano aproveitou a ocasião para criticar Eduardo Leite, seu rival interno, ex-governador do Rio Grande do Sul, derrotado nas prévias partidárias de novembro: "Um candidato que perdeu [a disputa interna no partido] não teve a dignidade, a honra e o brá de reconhecer essa derrota. A vida é feita de vitórias e derrotas. Na atividade privada, na atividade pública, precisa ter grandeza para ganhar e para perder também", disse. "Tenho respeito por Leite, mas ele tem que entender que a democracia tem regras. Não é regra que ele queir. É a regra da democracia. Não é a regra que ele deseja para seu bem. É a regra pela

qual ele participou e perdeu. Quem perdeu, perdeu, e quem venceu, venceu. Você não pode imaginar que o perdedor queira ocupar o lugar do vencedor golpemente o vencedor".

Doria ainda fez uma associação entre o comportamento do colega e o golpe de 1964: "Quem faz golpe d'atadura, governos autoritários. Quero lembrar a Eduardo Leite que hoje é 31 de março dia do golpe militar. Não caminhe por essa linha, Eduardo".

No discurso de despedida do governo, Doria afirmou que sua candidatura à Presidência será construída juntamente com partidos e "pessoas que têm respeito pela democracia". Muito aplaudido, ele buscou fixar a ideia de que se trata de um projeto coletivo. "É hora de enfrentarmos as adversidades coletivamente e não individualmente, de criar uma frente ampla pelo Brasil e pelos brasileiros. Construir a melhor via para o nosso país, a via da união, do bom senso e da serenidade."

Estavam presentes, segundo ele, 619 prefeitos dos 645 municípios do Estado. O clima era de campanha, com samba nas apresentações ao palco, chuva de papel picado e gritos de "Brasil pra frente, Doria presidente".

Mesmo entre aliados, o comportamento do tucano foi visto como de eficácia duvidosa. Um gesto com potencial de minar a confiança e dificultar ainda mais a construção de alianças.

A desistência do projeto presidencial de Doria e sua permanência no Estado — informação alimentada pelo próprio tucano durante algumas horas — produziu apreensão no PSDB e entre aliados. Isso porque, ao permanecer no cargo, Doria estragaria o plano do vice, Rodrigo Garcia, de assumir o governo paulista e disputar a reeleição — combinação construída desde 2019 com partidos próximos e com centenas de prefeitos e outras lideranças.

Até o início da tarde, ninguém sabia dizer ao certo se a desistência de Doria era para valer, se ele tentaria a reeleição ou anunciaria uma retirada da política.

Interlocutores de Garcia chegaram a espalhar que ele sairia do PSDB às pressas e se filiaria ao União Brasil para salvar a candidatura ao governo. Depois, passaram a afirmar que não seria candidato se não lhe fosse entregue agora o comando do Estado.

O nervosismo produzido por Doria foi tão grande que alguns começaram a falar até em abertura de processo de impeachment na Assembleia Legislativa.

Outra dúvida aberta era em relação à disputa presidencial. Uma desistência de Doria abriria espaço para Leite ou o apoio do PSDB a outro partido.

Embora tenha perdido as prévias para Doria na disputa interna do PSDB para escolha do candidato a presidente, Leite nunca deu sinal de desistência.

O gaúcho cogitou migrar para o PSD, disse ter sido convencido a ficar no PSDB, anunciou renúncia ao governo do Estado e vinha articulando uma operação para substituir Doria como nome do PSDB na eleição à Presidência, o que já foi classificado pelo paulista como uma tentativa de "golpe".

Apesar de correr sob a informação de que havia desistido da Presidência, Doria recebeu apelos para manter seu plano original. Com isso, conseguiu obter um apoio público mais explícito do presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo.

No início da tarde, Araújo divulgou uma carta afirmando que as prévias serão respeitadas e que Doria "tem a legenda" para disputar a Presidência. Disse ainda que "não há e nem haverá qualquer contestação à legitimidade de sua candidatura".

A carta de Araújo foi divulgada no momento em que Doria estava reunido no Palácio dos Bandeirantes com Garcia e o núcleo duro de sua campanha. Foi ali que o tucano avisou então da desistência de sua desistência.

Com a renúncia, Garcia assume o governo paulista até dezembro. A confirmação final das candidaturas de Doria à Presidência e de Garcia ao governo ainda dependem de homologação na convenção partidária, prevista para julho.



Doria: "Quero lembrar a Eduardo Leite que hoje é 31/3, dia do golpe militar; não caminhe por essa linha, Eduardo"

Blefe enfraquece PSDB frente a Tarcísio na polarização com Haddad

Análise

Maria Cristina Fernandes De São Paulo

Durou 24 horas o blefe do governador de São Paulo na sucessão paulista. Consumou-se na antipolítica que atropelou alianças e acordos. Eleger o bolsonarismo em 2018, mas teve sua missão precursora na ascensão de João Doria em São Paulo. Para seu clima, o governador, cercado por blazes e termos, subiu ao palco do encontro de prefeitos no Palácio dos Bandeirantes, ontem à tarde, de ténis e camisa arregaçada brancos. O subproduto do figurino único com o qual faz política será a nacionalização da disputa paulista rumo à polarização.

Doria agiu para arrancar do presidente do PSDB a carta com a qual Bruno Araújo se compromete em fazer valer o resultado das prévias partidárias. Mas não foi isso que o governador disse ao seu vice na tarde da quarta-feira, quando lhe comunicou sua disposição de se manter no cargo. A incompreensão de irascível de Rodrigo Garcia, que se sente sacrificado por ter trabalhado para dentro do governo ao longo de três anos e três meses enquanto Doria jogava para a plateia, desencadeou a reação tucana. O PSDB respondeu com a carta de Araújo que, se é documento de pouco valia frente à convenção partidária, talvez seja o máximo que Doria pode conseguir no momento. Ainda mais desgastado no seu partido por ter acrescentado Garcia ao rol de correligionários que trau ao longo de sua fulminante carreira, o governador paulista posterga a capitulação. Os resquícios de solidariedade que tinha por tentar fazer valer o resultado das prévias partidárias que derrotaram o governador gaúcho,

Eduardo Leite, esmaeceram.

Por isso não dá pra dizer que Doria capitulou uma versão bem-sucedida na manobra que, 61 anos atrás, levou Jânio Quadros, outro espécime da antipolítica, a deixar a Presidência da República. Jânio ameaçou com a renúncia na expectativa de que esta não fosse aceita e ele se fortalecesse no cargo. Fracassou, mas seu insucesso, que levou à posse de João Goulart, acabou por criar as condições para o golpe que hoje completa 58 anos.

Num Estado em que o PSDB deve os 27 anos de sua permanência no Palácio dos Bandeirantes ao poder da máquina estadual, os tucanos deram uma demonstração de força com a presença de representantes de 619 das 645 prefeituras — se fiar nos números fornecidos por Doria, o blefador. Eles ouviram um discurso tranquilizador de Garcia e as juras de amor do governador ao seu vice, aplaudiram efusivamente e gritaram "Brasil pra frente, Doria presidente", mas contra números não há argumentos. Não é apenas Doria que não decora. O despojo de Rodrigo Garcia espera ocupar já vem sendo precocemente conquistado pelo candidato bolsonarista na disputa paulista.

A ânsia de Garcia em assumir o governo de São Paulo vem da dificuldade de o PSDB, pela rejeição de Doria, auferir benefícios eleitorais de uma gestão que acumula os números mais hiperbólicos do partido desde que os tucanos se aposentaram do Palácio dos Bandeirantes — da educação à segurança pública, passando por uma carteira de investimentos que, só no ano passado, representou o dobro daquela que o ministro da infraestrutura, Tarcísio Freitas, acumulou no país.

O candidato do presidente da República ao governo paulista chega para ocupar o espaço na política que um dia foi do malufismo.

Até aqui, não rouba, nem faz, mas chega montando no trator digital das redes bolsonaristas. Precisa delas para chegar ao segundo turno, mas sugere que tomará estadaledistância se alcançá-lo. Já a ensaio ontem ao ser indagado sobre a ordem do dia do Ministério da Defesa: "Me inclinom fora dessa".

Com a crise desencadeada no PSDB, Tarcísio Freitas tem mais chance de atrair, para sua candidatura, partidos como o PL e o PP, que estavam fechados com Garcia. Até a desistência do ex-juiz Sérgio Moro de disputar a Presidência da República parece ter sido impulsionada pelo redemoinho provocado pelo PSDB. Com o estreitamento no eixo organizador da política paulista, os partidos viram um campo aberto para fazer bancada no Estado que tem a maior delas. Moro chega a São Paulo, filiado ao União Brasil, com esta missão.

O enfraquecimento de Doria e a desistência de Moro afunilam o quadro nacional na medida em que Leite e a senadora Simone Tebet (MDB) são mais adeitos a uma composição. Não têm chances, mas são cultivados por parcela do empresariado e de forças políticas que pretendem negociar pauta com o presidente a ser eleito.

O viés da disputa presidencial, porém, não muda. A polarização entre Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva parece ser mais evidente porque é a única eleição que já desperta algum interesse. Em São Paulo, dois terços do eleitorado estão alheios.

Há mais proximidade entre o eleitorado tucano e bolsonarista em São Paulo do que entre PT e PSDB. Por isso, se Haddad não correr para firmar compromisso mútuo de apoio no segundo turno, toda esta confusão do tucano vai acabar jogando o eleitor do PSDB no colo do bolsonarismo.

Partidos Entrevista do presidente do PSDB deixando em aberto candidatura irritou ex-governador paulista

Ameaça de Doria foi reação a dirigente tucano

Marcelo Ribeiro e Raphael Di Cunto
De Porto Alegre e Brasília

A postura dúbia do presidente nacional do PSDB, Bruno Araújo, em relação ao respeito ao resultado das prévias do partido foi o estopim para o agora ex-governador de São Paulo João Doria (PSDB) ameaçar abrir mão da disputa presidencial e, com isso permanecer no cargo. A mudança fragilizaria o plano da terceira via no Estado e a candidatura do vice, Rodrigo Garcia (PSDB), aposta do partido para manter o controle do Estado mais populoso do país.

O ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite, derrotado por Doria nas prévias do PSDB, anunciou na segunda-feira

que deixaria o governo e rodaria o país na tentativa de se viabilizar como candidato do grupo. Deu seguidas entrevistas dizendo que sua pretensão era desbancar o paulista com o apoio dos demais partidos que negociam a formação de uma chapa única: MDB, Cidadania e União Brasil.

Doria se mexeu e fez com que figuras de destaque no partido, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, rebaixassem publicamente esse movimento. "As prévias do PSDB foram realizadas democraticamente. Assim sendo, penso que devem ser respeitadas", afirmou FHC, em sua página oficial no Twitter. A reação, contudo, ficou muito restrita ao grupo paulista do PSDB.

Araújo, por sua vez, adotou

postura ambígua, o que irritou Doria. Não é de agora que o paulista acredita que o presidente do PSDB articula a sua saída e a composição de uma chapa com Leite, em parceria com a senadora Simone Tebet (MDB-MS), também pré-candidata à Presidência.

Segundo apurou o Valor, o que mais irritou Doria foi uma entrevista de Araújo à Rádio Bandeirantes na terça-feira que, na visão do ex-governador, endossou movimento "golpista". "Agora, tão ou mais importante que as prévias é que nós temos hoje um pacto, um acordo com grandes partidos da política nacional, a federação com o União Brasil, o MDB e o Cidadania, com a perspectiva de entrarem novos partidos. Nosso candidato não é João Doria, não é

Simone Tebet. É quem esse conjunto entender que será escolhido por ter mais viabilidade", disse Araújo, num discurso similar ao de Leite ao deixar o cargo.

Doria fez o gesto que lhe restava para conter a movimentação mais intensa dos aliados de Leite: ameaçou explodir de vez o partido ao ficar no governo, fragilizando a candidatura de Garcia, e mantendo em suas mãos a poderosa máquina administrativa de São Paulo, o que dificultaria a candidatura do gaúcho no Estado.

O gesto levou Araújo a viajar para São Paulo e divulgar, por volta da hora do almoço, uma carta defendendo o resultado. "As prévias serão respeitadas pelo partido", escreveu o presidente da sigla. "O governador tem a

legenda para disputar a Presidência da República. Não há, nem haverá nenhuma contestação à legitimidade da sua candidatura pelo partido."

A carta somou-se à pressão de aliados de Garcia em São Paulo, como o prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), e fez Doria reconsiderar. Um grupo grande de políticos empenhados em eleger o então vice-governador convenceu o presidente que o maior beneficiado com o movimento seria seu rival interno, enquanto ele respondia com tração aqueles que ficaram ao seu lado durante toda a disputa.

Apesar da declaração de Araújo, o grupo de aliados de Leite desconfiou o tempo todo da real intenção do paulista de desistir da

Presidência. Eles pretendem insistir na tese — compartilhada pelos dirigentes dos partidos da "terceira via" — de que o paulista está invariavelmente pela alta rejeição. A intenção dos tucanos aliados a Leite é reverter na convenção do partido, em julho, a candidatura.

O vai-e-volta teve pouca repercussão no grupo de WhatsApp de deputados federais do PSDB, que permaneceu em silêncio durante quase todo o dia. Um paulista resolveu puxar o assunto e classificou o episódio como "doideira". "Deus nos ilumine?", escreveu. A maioria não falou nada, mas um parlamentar mineiro, apoiador do agora ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite (PSDB) nas prévias, criticou Doria. "Narciso", respondeu.



Edaardo Leite: ex-governador gaúcho respondeu a João Doria, afirmando que acusações de golpe dentro do PSDB "não têm nenhum cabimento"

Leite vai a Brasília e planeja estrutura em São Paulo

Marcelo Ribeiro, Raphael Di Cunto e Andréa Jubé
De Porto Alegre e Brasília

Mesmo com a decisão do ex-governador de São Paulo, João Doria (PSDB), de renunciar ao governo e manter a pré-candidatura à Presidência da República, o ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite continua as articulações para se viabilizar como o nome do PSDB e do bloco de aliados, formado por MDB, União Brasil e Cidadania, para a sucessão presidencial.

Ontem Leite transmitiu o cargo ao vice-governador Ranollo Vieira Júnior (PSDB), que buscará a reeleição. A partir de então, ele se dividirá entre Porto Alegre e São Paulo, onde montará um "QG" a fim de tentar esvaziar o apoio interno da ala paulista a Doria, e estreitar pontes com o PIB nacional.

Leite também fará incursões à capital federal — já na próxima semana ele desembarca em Brasília — para articulações políticas. Em paralelo, começará a rodar o país

para se tornar mais conhecido.

Nos bastidores, já está em curso o embate entre Doria e Leite por quem terá mais espaço nas inserções nacionais do PSDB, principal vitrine do partido, no rádio e na televisão. Os comerciais de 30 segundos serão veiculados entre os dias 26 de abril e 10 de maio.

Como até o presidente do PSDB, Bruno Araújo, assinou a carta fazendo um apelo para que Leite não migrasse para o PSD, a expectativa é que o gaúcho também seja valorizado na propaganda partidária, embora Doria seja tratado como o postulante oficial da sigla, vencedor das prévias internas.

Uma fonte da direção nacional explica que Doria terá cerca de dois meses para mostrar desempenho nas pesquisas, mas o fará com Leite em seu encaixe.

Após esse prazo, no começo de junho, as quatro siglas que pretendem caminhar juntas se pleito de outubro vão tentar se unir em torno de um único nome, o que se mostrar mais viável para enfrentar o presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Sil-

va. A senadora Simone Tebet disputa a vaga de presidencial do bloco pelo MDB.

Uma dúvida é quem herdará a maioria dos cerca de 7% de intenção de votos atribuídos ao ex-juiz Sergio Moro (União Brasil) nas últimas sondagens. Ontem a direção de sua nova sigla anunciou que Moro vai postular a uma vaga de deputado federal.

O critério para a escolha do presidencial do bloco PSDB-MDB-União-Cidadania não será exclusivamente o melhor desempenho nas pesquisas. Será considerada, igualmente, a menor rejeição, e a maior capacidade de agregar aliados.

Segundo o entorno do gaúcho, lideranças dos demais partidos do bloco já deram demonstrações de simpatia pelo seu nome. Um argumento para sustentar essa tese é de que o grupo entrou em campo para evitar a saída do ex-governador do Rio Grande do Sul do PSDB, e até mesmo aliados de Doria, que integram a direção nacional, endossaram a carta.

No fim do dia, depois de deixar o governo gaúcho, Leite res-

pondeu a críticas feitas por Doria em São Paulo. "Eu não tenho nenhum movimento de deslegitimação das prévias. Sempre disse, as prévias têm legitimidade. Isso não muda absolutamente nada. Os episódios que aconteceram hoje [ontem], as especulações feitas não mudam absolutamente nada", disse, em referência à sinalização de Doria de que poderia desistir.

Segundo Leite, Doria "falou um mês atrás que está pronto para lá adiante abrir mão em direção a um candidato com capacidade de convergência".

"Se a sua candidatura for aquela que reunir as forças políticas para fazer frente a polarização que o Brasil tem, eu sei um aliado para ajudar nisso, estarei ao lado dele", disse o gaúcho.

Sobre fala de Doria alertando para um possível golpe interno Leite foi enfático. "Acho que não tem nenhum cabimento o que ele está falando. Talvez passe por uma situação especial de debate sobre alternativas, tenha suas outras motivações", disse.

Tarcísio ironiza 'desorganização' do PSDB

Rafael Bitencourt, Matheus Schuch e Daniel Rittner
De Brasília

Pré-candidato ao governo de São Paulo, Tarcísio Gomes de Freitas (Republicanos) ironizou ontem, em seu último dia como ministro da Infraestrutura, a crise enfrentada pelo PSDB diante das incertezas em relação à decisão de João Doria (PSDB) de disputar a Presidência ou permanecer à frente do Palácio dos Bandeirantes. Para ele, o recuo, que acabou não se confirmando, demonstrava "desorganização" e "desentendimento" da legenda tucana.

Ao correr a notícia da possível desistência, logo pela manhã, aliados de Tarcísio avaliavam que a mudança de cenário aumentaria a chance do ex-ministro na disputa. Ele próprio acreditava que o grande duelo no Estado se daria no primeiro turno das eleições, prevendo uma concorrência com o tucano Rodrigo Garcia por uma vaga no segundo turno. Quem conseguisse passar, conforme a avaliação reservada, seria favorito na disputa contra Fernando Haddad (PT) no segundo turno da eleição.

"Isso mostra o exaurimento de um partido, de um grupo. Mostra que hoje não há uma liderança nessa corrente e há um vácuo, claramente. Observe que há uma desorganização, um desentendimento. Mostra muito o que aconteceu com o PSDB nos últimos anos em São Paulo", afirmou o agora ex-ministro a jornalistas.

Sobre os efeitos da desistência de Doria na definição dos adversários no primeiro turno das eleições, o pré-candidato pelo Republicanos disse que seguirá buscando fazer uma "campanha propositiva com um bom projeto". Feito isso, ele afirmou que se-

rá o momento de "partir para o convencimento, independente do adversário".

Com a saída do Ministério da Infraestrutura, ele afirmou que começará a organizar a própria campanha para, quando a disputa começar de fato, já ir com ela "estruturada". Ele pretende nesse ínterim conversar com especialistas para entender mais sobre os problemas do Estado e definir um plano de governo "executável".

Questionado sobre eventual busca de apoio do apresentador José Luiz Datena, Tarcísio de Freitas disse que está aberto a eventual negociação. "Vamos conversar com ele. Não descarto nada. Acho que está muito cedo ainda", afirmou. Ele observou que a última data para filiação ainda é no próximo dia 2 e tem mais tempo, até as convenções, para fechar um nome para vice de sua chapa, além de fazer outras tratativas, como a com o apresentador de TV.

Em relação à escolha do vice, ele ressaltou que definiu apenas o pré-requisito. "Vice é confiança. Tem que ser uma pessoa que você confia, independentemente de política partidária. Isso é muito mais do que uma busca por voto".

Tarcísio de Freitas garantiu que não levará sua campanha para o campo das discussões ideológicas, a exemplo de Bolsonaro, que tem feito cada vez mais referências ao papel dos governos militares e supostas ameaças à liberdade vindas de correntes políticas de esquerda. Questionado sobre a questão, respondeu: "Estou fora". Na solenidade de ontem no Palácio do Planalto, o presidente voltou a exaltar o golpe militar de 1964 e realizações atribuídas aos oficiais que comandaram o país no período da ditadura.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Caderno: A Pagina: 7 e 8